

Editorial

Encerra-se o ano, permanece a indignação, mas também a esperança!

O ano de 2021, assim como o ano de 2020, foi marcado pela Pandemia. Contabilizou-se, no Brasil, mais de 618 mil mortos vítimas da COVID-19¹. A dor aumenta ao sabermos que parte dessas mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse política pública de enfrentamento. O avanço que obtivemos foi em relação a vacinação, entretanto no campo político, social e econômico as mazelas permaneceram. Acompanhamos a vacinação e, ao mesmo tempo, o retorno das aulas presenciais, sobretudo na Educação Básica, mesmo diante de uma imunização parcial e o surgimento de novas variantes do Coronavírus². Nesse cenário, a indignação permanece!

Finda-se o ano e concluímos que a Revista Educação em Foco fez bem o seu trabalho de divulgação científica, alimentando, desse modo, o fio de esperança e de confiança na Ciência. Assim, nesse misto de cenário desolador, mas também de luta por dias melhores, publicamos o nosso último número de 2021 com doze artigos, acrescido do Dossiê temático “História da Educação Profissional: sujeitos, temas e problemas”. É na luta coletiva, cotidiana e solidária que nos mantemos, portanto, fortes e perseverantes.

Abrimos esta seção com o artigo de autoria de Kelly da Silva e Anderson Ferrari, “Narrativas e histórias de mulheres negras ex-cotistas do curso de Pedagogia”, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). O texto, fundamentado na perspectiva pós-estruturalista, com inspiração em Michel Foucault e sua análise histórica dos sujeitos, discute, a partir das memórias das trajetórias de formação, sobre como as mulheres se constituíram como professoras.

Continuando a discussão sobre o feminino, apresentamos o artigo “‘Elas ficam meio injustiçadas’: infância, gênero e desigualdade em bairros de Curitiba”, das autoras Valéria Milena Rohrich Ferreira e Sabrina Fiorese. Analisando dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio de questionário e conversas realizadas com crianças e suas famílias, procuram entender as diferenças no uso que meninas e meninos fazem do bairro e da cidade e no que essas diferenças influenciam em suas redes de interdependência.

No terceiro texto, “Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: conhecimentos e

¹ Dados do Conselho Nacional de Secretários - Painel Nacional: Covid-19, disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em 22 de dez. 2021.

² A mais recente variante do vírus SARS-CoV-2, anunciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é a *Ômicron*, considerada a mais contagiosa, até o momento. Conforme dados disponíveis em: <https://www.who.int/en/activities/tracking-SARS-CoV-2-variants/>. Acesso em 22 de dez de 2021.

práticas dos professores da Educação Básica do município de Belo Horizonte”, Deolinda Armani Turci, Érika Lourenço e Giovana Moura de Souza, investigam o conhecimento que os professores têm acerca da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e as práticas derivadas desse conhecimento. Os dados foram coletados a partir de um questionário respondido por professores. Os resultados apontam avanços consideráveis, contudo, também mostram que ainda existem dificuldades na compreensão do que seja a Educação Inclusiva. Enfatizam a necessidade de formação inicial e continuada docente, de melhoria na estrutura física e de aquisição de recursos e contratação de profissionais especializados para subsidiar as práticas escolares.

Dentre as lutas por uma sociedade mais justa, que se destacam nas abordagens anteriores, encontram-se também, as discussões sobre o tema da Educação Ambiental. Nesse sentido, o artigo intitulado “Realidade e desafios da Educação Ambiental: o ensino de Geografia a favor de uma educação ambiental contínua”, escrito por Aldeíze Bonifácio da Silva e Maria Francisca de Jesus Lírio Ramalho, aborda a importância do tema em ambientes educativos, inclusive com mobilização de processos de intervenção sobre a realidade e os problemas socioambientais. Nesse sentido, as autoras apresentam algumas possibilidades que podem ser adotadas no ensino de Geografia como ponto de partida para uma prática de Educação Ambiental contínua. Ainda sobre a temática, temos o artigo “Convergências possíveis de potencialidades críticas: diálogos entre Educação Ambiental e Direito”, de Bernard Constantino Ribeiro e Vanessa Hernandez Caporlingua. A reflexão apresentada avança na medida em que a Educação Ambiental é discutida em interlocução com o conhecimento produzido pelos saberes tradicionais e pela área do Direito, buscando uma transformação da realidade socioambiental.

Já Joelson de Sousa Moraes e Maria Divina Ferreira Lima, no artigo “Aprendizagem narrativa no contexto do Estágio Supervisionado na Educação Infantil: reflexos na formação inicial docente”, trazem uma problematização acerca da experiência de formação de professores nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em especial, na supervisão de estágio nas escolas de Educação Infantil. Por meio da metodologia da pesquisa-formação, observaram que a aprendizagem narrativa dos sujeitos se constrói à luz dos papéis pessoais e reflexivos que eles tecem e nos quais se envolvem, entremeados pelos contextos da formação universitária, socioprofissional e cultural.

Ainda acerca da discussão sobre estágio em cursos superiores, o artigo, “Relações tecidas entre a universidade e as escolas de Educação Básica por meio dos estágios supervisionados de cursos de licenciatura”, de Lethycia Lopes Pereira, Rita de Cássia Reis e Helena Rivelli, analisa as experiências de estágios supervisionados, dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Juiz de

Fora (UFJF), nas escolas estaduais do município. Entre outras constatações, as autoras destacam o papel fundamental do acompanhamento próximo do professor orientador na escola e a presença do professor supervisor, na universidade, na condição de conformador do licenciando com quem compartilha seus saberes. Ressaltam, ainda, a necessidade de se pensar o papel da coordenação pedagógica, e da gestão em alguns casos, nas relações possíveis de serem tecidas nos estágios.

Em “Sentidos do aprender a escrever e práticas em sala de aula: ensino de História e identidade”, Maria Aparecida Lima dos Santos e Danielle dos Santos Barreto apresentam reflexões resultantes da análise dos sentidos que um docente atribui ao ensinar História mediado pela língua escrita. Por meio de uma metodologia qualitativa, com vertente interpretativa e de viés etnográfico, as autoras evidenciam modos de se promover práticas efetivas de decolonialidade no cotidiano do ensino dessa disciplina escolar.

O artigo “A cultura da avaliação e da responsabilização nas reformas educacionais pós-1990”, de autoria de Givanildo da Silva e Dayane Queiroz dos Santos Carvalho, discute sobre as práticas educativas, do “chão” da escola, que são orientadas pelas concepções presentes nas políticas educacionais, designadas pelas reformas administrativas. Buscando compreender o papel do Estado e das reformas educacionais na cultura de avaliação e de responsabilização na educação brasileira, os autores reafirmam que os modelos de educação postos pelas políticas educacionais são estabelecidos de modo unilateral, com vistas a preparar os cidadãos para o mercado de trabalho, para a competição empregada pelo sistema capitalista, emergindo na competição, no individualismo e na desigualdade social.

Por fim, problematizando o uso das tecnologias na Educação, os dois artigos seguintes abordam temáticas contemporâneas e urgentes. O artigo, “Percepção da autoeficácia computacional docente dos professores da Educação Básica”, das autoras Elis Renata de Britto Santos e Magda Pischetola, analisou de que forma as diferentes crenças podem influenciar a confiança dos professores no uso das tecnologias digitais. Por meio de pesquisa qualitativa, com 64 professores, o estudo discute a questão da inserção das tecnologias digitais no campo educacional, afastando-se da perspectiva técnica e aproximando-se da percepção de artefatos culturais imersos nos hábitos, nos costumes e nas crenças dos professores.

Encerrando essa edição, Leila Damiana Almeida dos Santos Souza, Kleber Peixoto de Souza e Ruth Cunha dos Santos nos trazem o artigo “A Educação Remota no Contexto Pandêmico: a quem será que se destina?”. Como sabemos, a pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) levaram ao fechamento das escolas, impondo um novo modelo educacional organizado pelo uso das tecnologias de comunicação. Várias

são as discussões sobre essa realidade e esse artigo apresenta um estudo sobre a utilização das ferramentas tecnológicas no Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, em Ipuacu, Feira de Santana (BA). O objetivo foi analisar o uso dessas ferramentas nas aulas remotas durante a pandemia, tendo como foco os impactos na prática pedagógica e nos processos de ensino-aprendizagem dos educadores da Escola. A pesquisa indica que as dificuldades são extensivas tanto aos educadores quanto aos estudantes das escolas estudadas. Ainda, que o ensino remoto está longe de minimizar os impactos da aprendizagem que, já por muito tempo, tem sido defasada nas escolas da rede pública estadual, sobretudo nas escolas do campo.

Nosso convite é para que vocês não deixem de ler e refletir sobre os resultados encontrados nos diversos estudos aqui apresentados.

Fiquem, agora, com a apresentação do Dossiê e boa Leitura!

Juliana Branco
Vera Nogueira
Dezembro/2021